



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

ESTILOS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL¹

Paula Tamara da Cunha
Cardoso

RESUMO

Estilos parentais correspondem ao conjunto de atitudes adotadas pelos pais para com os filhos, também denominadas de práticas educativas parentais, que distinguem e caracterizam os estilos parentais. O objetivo geral foi compreender como os padrões comportamentais dos pais podem incidir sobre o comportamento dos filhos. Inúmeros modelos teóricos criados e adaptados por pesquisadores buscam avaliar como as práticas educativas parentais podem afetar o desenvolvimento dos filhos. Esses modelos podem favorecer o desenvolvimento de trabalhos preventivos, de avaliação, orientação e intervenção. Pais podem aperfeiçoar o seu papel parental e os psicólogos e outros profissionais, melhorar sua eficiência no estudo e atendimento das famílias, constituindo um núcleo importantíssimo para a compreensão do ser humano. Os resultados demonstraram que as práticas parentais positivas se sobressaem sobre as práticas parentais negativas.

Palavras-chave: Práticas parentais. Estilos parentais. Desenvolvimento infantil

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, comoparte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Estudante do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - UNIPACBarbacena, 191-002292@aluno.unipac.br

INTRODUÇÃO

A família consiste no primeiro contato social da criança, sendo assim, ela é considerada a base para o seu desenvolvimento ulterior, através do dispêndio do cuidado dos primeiros educadores (Santos, 2016). Logo, passar pela primeira fase da vida de forma bem-sucedida e saudável, há de depender das primeiras figuras socializadoras da vida humana, remetendo a inegável importância da família para todo e qualquer indivíduo. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

Ao longo do tempo, as mudanças da sociedade afetam também o âmbito familiar, sobretudo na forma de educar dos pais e de se comportar e reagir diante de seus filhos. Desse modo, os métodos educativos precisam acompanhar tais mudanças, uma vez que determinadas práticas tidas como ideais na dinâmica familiar e escolar podem passar a não ser mais adequadas a depender do momento histórico (Del Prette; Del Prette, 2005).

As formas de educar e orientar os filhos são denominadas de práticas parentais. Estas ocorrem no contexto familiar e se expressam na relação entre pais e filhos, servindo como um sistema de apoio a criança (Lins *et al.*, 2015). Ao conjunto de atitudes adotadas pelos pais para com os filhos denomina-se práticas parentais, que somadas ao temperamento da criança, definem o estilo parental (Lawrenz *et al.*, 2020).

Há décadas, pesquisadores têm feito o seguinte questionamento: como os padrões comportamentais dos pais podem incidir sobre o comportamento dos filhos? Neste contexto, o modelo proposto por Diana Baumrind (1966) permanece amplamente usado até os dias atuais. A autora estabeleceu o conceito de estilos parentais como o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles. Em princípio ela nomeou três estilos parentais, quais são o autoritativo, o autoritário e o

permissivo/indulgente, mais tarde, Maccoby e Martin (1983) incluíram o estilo parental, negligente.

Para Mondin (2017), a habilidade dos pais frente às adversidades da família para com a criação dos filhos, em entender suas necessidades e conseguir supri-las através de meios positivos, é que vai incorrer na confiança e boa vontade deles em relacionar-se com os outros ao longo do seu desenvolvimento. Em contrapartida, segundo a autora, meios negativos e instáveis de cuidados sinalizam o desenvolvimento de problemas que irão nutrir sentimentos e comportamentos negativos e disfuncionais nas crianças.

Diante do exposto, o intuito deste trabalho é estudar e compreender os estilos parentais. Bem como, analisar como eles interferem diretamente na saúde e no desenvolvimento dos filhos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os cientistas têm se preocupado desde a década de 1930 em encontrar a forma mais adequada de se educar os filhos e também compreender as consequências que podem ser provocadas no desenvolvimento de crianças que são criadas por modelos diferentes de pais (Darling; Steinberg, 1993). Neste contexto, o modelo teórico de Baumrind relacionado aos tipos de controle parental foi um marco para os estudos feitos sobre a educação pais e filhos. Isto é, serviu como base para um novo conceito de estilos parentais que engloba tanto os aspectos comportamentais quanto os emocionais (Baumrind, 1966).

De acordo com Teixeira, Bardagi e Gomes (2004), os estudos acerca dos estilos parentais tornaram-se uma abordagem referência para investigar as interações familiares e seus reflexos sobre o comportamento dos filhos ao longo dos anos, tendo contribuído em grandes resultados para a pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Humano.

1.1 Práticas Parentais

As práticas parentais, também chamadas de práticas educativas

parentais, envolvem técnicas utilizadas pelos pais em situações específicas com os filhos. São menos estáveis do que os estilos parentais e sofrem a influência da cultura (Pacheco; Silveira; Schneider, 2008). Os pais exercem a função de cuidado a partir das práticas parentais que são aprendidas em determinado contexto sociocultural, o que denota a influência de crenças e valores típicos e vigentes em cada momento histórico (Dessen; Polônia, 2007).

Existem duas categorias de práticas parentais, as indutivas e as coercitivas. As indutivas sinalizam às crianças as consequências de seus comportamentos, o que as leva à reflexão. Por meio das práticas indutivas os pais explicam às crianças seus valores, ações e métodos de disciplina. Estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, à internalização dos valores parentais e ao desenvolvimento de empatia e altruísmo (Altafim; Rodrigues, 2015).

Já as práticas parentais coercitivas são atitudes disciplinares que envolvem o uso da força, punição física e privações. Associam-se a comportamentos negligentes, como por exemplo, a falta de atenção ou de afeto e também comportamentos abusivos como ameaças ou castigos físicos dos pais (Altafim; Rodrigues, 2015).

As práticas parentais são definidas por Gomide como escolhas educativas que são estabelecidas pelos pais para ensinar, limitar e moldar o comportamento dos filhos. A autora as categoriza como positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa, abuso físico). As práticas parentais podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, como responsabilidade, empatia e honestidade, assim como permitir o aparecimento de comportamentos antissociais, como furto, mentiras e uso de drogas (Gomide, 2006).

Quanto às práticas parentais relacionadas a um desenvolvimento saudável, a monitoria positiva envolve atenção e conhecimento dos pais em relação aos locais frequentados pelos filhos e sobre as atividades realizadas por eles. Além disso, inclui demonstrações de afeto e carinho, especialmente nos momentos de maior necessidade dos filhos

(Gomide, 2003). Já o comportamento moral diz respeito à transmissão de valores como honestidade e senso de justiça, de modo a fornecer um modelo positivo que possibilite que os filhos saibam diferenciar o que é certo e o que é errado (Gomide, 2006).

Com relação às práticas associadas a comportamentos antissociais, a punição inconsistente ocorre quando o estado emocional dos pais determina as ações educativas. Assim, os pais punem ou reforçam os comportamentos dos filhos de acordo com o próprio humor. A negligência se configura quando os pais são ausentes, não cumprem com as suas responsabilidades, não estão atentos às necessidades dos filhos ou quando interagem com as crianças sem demonstrar afeto.

Já a disciplina relaxada é identificada quando os pais ameaçam os filhos, porém, ao se depararem com comportamentos desafiantes e opositores, são omissos e as regras impostas não são cumpridas. A monitoria negativa é caracterizada pela fiscalização excessiva e pelas instruções repetitivas, que não são seguidas pelos filhos. O abuso físico, por sua vez, ocorre quando os pais machucam ou causam dor nos filhos com a justificativa de educá-los (Gomide, 2006).

Del Prette e Del Prette (2002) propõem a análise das práticas parentais a partir do conceito de habilidades sociais educativas, definidas como aquelas intencionalmente voltadas à promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de outra pessoa.

As práticas parentais são utilizadas para promover comportamentos específicos nas crianças, sendo as maneiras de os pais alcançarem seus objetivos de forma direta. Os estilos parentais são formados por práticas parentais e outros aspectos, como o tom de voz, influenciando assim, a criança de forma indireta. Ou seja, estilos parentais são definidos como atitudes direcionadas às crianças que criam um clima emocional entre pais e filhos (Darling; Steinberg, 1993).

1.2 Estilos Parentais

O estilo parental é definido como o conjunto das práticas educativas parentais ou atitudes parentais utilizadas pelos cuidadores

com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos. As práticas educativas são definidas como estratégias específicas utilizadas pelos pais em diferentes contextos (Reppold *at al.*, 2002).

Segundo Gomide (2005), as estratégias que são usadas como formas de educar, instruir, socializar e controlar os comportamentos dos filhos são chamadas de práticas educativas parentais. Ao conjunto de práticas educativas, as quais podem ser utilizadas em intensidade e frequências variadas, denomina-se estilos parentais.

A definição de estilo parental desenvolvida por Baumrind (1966) foi ampliada por Darling e Steinberg (1993). Com isso, o estudo sobre práticas disciplinares deixou de restringir-se somente ao papel de controle, passando a envolver o aspecto de responsividade às necessidades das crianças e, mais ainda, passou a englobar tudo o que contribui para a constituição do clima emocional em que o filho é educado.

Inicialmente Baumrind (1966), propôs a classificação dos pais com três diferentes protótipos: o autoritativo, o autoritário e o permissivo/indulgente. Os pais autoritativos foram definidos como sendo aqueles que tentam indicar uma direção às atividades das crianças de forma racional e orientada, por meio do diálogo. Compartilham com a criança o raciocínio por detrás da forma como ele age, e solicitam objeções, quando ela se recusa a concordar. São firmes com relação ao controle nos pontos que divergem, não restringem a criança e, por isso colocam sua perspectiva de adulto, reconhecendo os interesses próprios e maneiras particulares que a criança possui.

Já os pais autoritários, segundo Baumrind (1966), fazem da criança um modelo, ou pelo menos tentam, controlando e avaliando o comportamento da criança mediante regras que lhe são impostas. Estimulando a obediência como uma espécie de virtude e são a favor de medidas punitivas para que possam lidar com os aspectos da criança que entram em conflito com o que pensam ser o certo.

Os pais permissivos/indulgentes se comportam de maneira não punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança, apresentando-se para ela como um recurso para que seus desejos sejam

realizados e não como um agente responsável por direcionar o seu comportamento (Baumrind, 1966).

Por fim, o estilo parental negligente refere-se aos pais que não se envolvem com seus papéis de pais. Em longo prazo, essa situação leva a diminuição dos componentes do papel parental, ou até mesmo ao seu total desaparecimento, não restando a mínima relação funcional entre pais e filhos (Maccoby; Martin, 1993).

A operacionalização realizada por Baumrind subsidiou os estudos de Maccoby e Martin (1983), que estabeleceram como parâmetros de diferenciação dos estilos parentais duas dimensões chamadas de responsividade e exigência. Responsividade refere-se a atitudes compreensivas dos pais que visam, por meio do apoio emocional e da comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos filhos. Já a exigência inclui atitudes dos pais que buscam controlar os comportamentos dos filhos por meio de limites e regras. Pais com elevadas responsividade e exigência são classificados como autoritativos. Aqueles que apresentam baixa responsividade e exigência são tidos como negligentes. Pais muito responsivos, mas pouco exigentes, são categorizados como permissivos/indulgentes, enquanto os muito exigentes e pouco responsivos são considerados autoritários (Maccoby; Martin, 1983).

De acordo com uma revisão da literatura, sobre a relação entre estilos parentais e comportamentos de riscos em adolescentes, identificou-se menor uso de drogas, ideação suicida e autolesão em filhos de pais autoritativos. Verificou-se, também, uma relação negativa entre apoio emocional dos pais e depressão em adolescentes (Newman *et al.*, 2008).

Estudos recentes têm apontado que o ambiente familiar pode ser uma fonte importante de estresse e afetar a estrutura e a funcionalidade do cérebro das crianças. Relações entre pais e filhos marcadas por tensões e violência são identificadas como particularmente prejudiciais. Quando uma criança vivencia uma situação assustadora ou ameaçadora, há um aumento de seus batimentos cardíacos, secreção de hormônios do estresse, maior fluxo de sangue para o cérebro e a sensação de

vigilância e medo . Se ela puder contar com o suporte de um adulto, irá se tornar capaz de regular suas emoções e aprender formas efetivas de lidar com a situação que gerou estresse. No entanto, se a resposta ao estresse for ativada repetidas vezes e não houver o suporte de um adulto, tais experiências podem levar a consequências negativas. Crianças constantemente expostas a situações que representam ameaça podem ter dificuldades de memória e regulação das emoções, bem como aumento das respostas de medo. Em longo prazo, tais alterações podem ser a origem de doenças relacionadas ao estresse (Gershoff et al., 2016).

Diante ao exposto, o presente trabalho buscou aprofundar a relação entre estilos parentais e suas consequências sobre a saúde mental e o desenvolvimento infantil. Tal relação será explorada no tópico a seguir.

1.3 Estilos parentais e o desenvolvimento infantil

A área do desenvolvimento humano enfoca na investigação científica do que é modificável e do que permanece estável nos indivíduos (Papalia; Martorell, 2022).

De acordo com o Artigo 2º do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, (Brasil, 2019), é considerada criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos. É, então, nesta faixa-etária que ocorre a infância, a qual as crianças, nesta fase do ciclo da vida humana, são compelidas ao desenvolvimento de três domínios: cognitivo (aprendizagem), físico (motor e sensorial) e psicossocial (relações afetivas e sociais) (Linhares, 2015).

Nesse sentido, a criança terá possibilidade de fazer coisas novas e aprender como funciona o mundo que a rodeia, desenvolver a independência e a competência, se tiver, primordialmente, um adulto a quem estabelecer um sentimento básico de confiança e proteção (Eizirik; Bassols, 2013).

Os pais são, em grande parte dos casos, quem ocupam o lugar de adulto na vida da criança, com isto, é priorizado o fortalecimento das habilidades socioemocionais por meio das práticas parentais. O próprio

conceito de infância pode ser visto como uma construção social, portanto, a família caracteriza-se como a primeira instituição social da criança (Linhares, 2015)

Pinto (1997, p. 9), aponta que a socialização na infância, é uma “realidade tão antiga quanto as sociedades humanas”, consistindo num processo da qual o indivíduo vai assumir normas e valores da sociedade e se integrar a ela, mediante à interação com seu meio mais próximo, em especial a família. O desenvolvimento de toda pessoa está intimamente ligado com a interação com seus pais. Já ao nascer, é incontestável que a criança tenha um pai ou uma mãe ou alguém que cumpra esse papel, inverso a isto, não resistirá (Eizirik; Bassols, 2013).

A importância da família para a criança, é compreendida também no ECA, que, em seu Artigo 4º, confere a ela a responsabilidade de assegurar com prioridade a concretização dos direitos referentes à vida, como saúde, alimentação, educação e respeito (BRASIL, 2019). “A ideia de infância é necessariamente correlativa da ideia de família” (Pinto, 1997, p.5).

A congruência entre família e escola é de grande impacto na interação e na aprendizagem. Pois a entrada na escola estabelece uma mudança importante no processo de socialização (Eizirik; Bassols, 2013). Segundo Linhares (2015), muito mais que fatores externos à dinâmica familiar, os internos são muito mais tendentes a prejudicar a criança, como a negligência, o maltrato físico, a comunicação através de gritos e insultos ou a disciplina inconsistente, que podem conduzir a problemas comportamentais dos filhos, envolvendo mentira, agressividade e desobediência aos pais.

A chave para o adequado desenvolvimento da criança está na capacidade dos pais de responder suas necessidades, protegê-la e de ter um controle sobre seu comportamento (Eizirik; Bassols, 2013). Segundo Linhares (2015), considera-se interações positivas entre pais e filhos como imprescindíveis para o apego seguro e o desenvolvimento emocional, o que facilita a resiliência da criança frente adversidades. Já ambientes caóticos propõem diversos riscos para o desenvolvimento das crianças.

A maneira com a qual os pais lidam com os filhos , isto é, educam, controlam, assim como; correspondem emocionalmente a eles, têm sido vista de maneira diferente. Isto porque algumas formas de educar podem ser mais adequadas que outras. Amplos estudos em Psicologia do Desenvolvimento, abordam que características comportamentais dos pais podem favorecer ou prejudicar o desenvolvimento social e emocional ao longo da infância e da adolescência (Alvarenga *et al.*, 2016).

Contribuindo com o supracitado, estudos confirmam que os comportamentos educativos e de controle dos pais têm consequências sobre o comportamento e as emoções dos filhos, influenciando diretamente no ajustamento psicossocial, nas psicopatologias e no desempenho escolar (Costa; Teixeira; Gomes, 2000).

As pesquisas têm descoberto e apontado relações entre estilos parentais e diferentes aspectos dos filhos. Em uma pesquisa realizada por Dornbush e seus colaboradores (1987), que envolveu 7836 indivíduos, os estilos parentais foram relacionados ao desempenho escolar dos adolescentes, chegando a conclusão que os estilos autoritário e permissivo/indulgente foram associados à notas baixas e o estilo autoritativo à notas altas.

Outra pesquisa realizada, dessa vez por Lamborn e seus colaboradores (1991), envolveu cerca de 4000 indivíduos e obteve o seguinte resultado: adolescentes que perceberam seus pais como autoritativos mostraram aspectos positivos relacionados ao desenvolvimento e um baixo índice de disfunção comportamental e psicológica; enquanto os que perceberam seus pais como negligentes, mostraram aspectos negativos. Já os adolescentes que viram seus pais como permissivos/indulgentes ou autoritários apresentaram características tanto positivas quanto negativas. Parte dos adolescentes que participaram desta pesquisa responderam aos mesmos questionários um ano depois e foi observado que as diferenças quanto ao ajustamento do adolescente conforme o estilo parental de seus pais mantiveram-se ou tiveram aumento (Steinberg *et al.*, 1994).

Os filhos de pais autoritativos têm sido associados a aspectos

positivos com melhor desempenho nos estudos, uso de estratégias adaptativas, maior grau de otimismo. Enfim, filhos de pais autoritativos são vistos como socialmente e instrumentalmente mais competentes do que os filhos de pais não autoritativos (Darling, 1999).

Por sua vez, os filhos de pais autoritários; em geral; apresentam comportamento de externalização (agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira) e de internalização (retratação social, depressão, ansiedade) (Oliveira, 2002). Em outros estudos, os filhos de pais autoritários foram descritos como tendo tendência para ter desempenho escolar moderado, sem problemas de comportamento, porém com pouca habilidade social, baixa autoestima e alto índice de depressão (Cohen; Rice, 1997).

Pais autoritários agem de forma rígida, impõem regras, não encorajam o diálogo e limitam a capacidade de autorregulação dos filhos (Privativa et al., 2019). Além disso são altamente demandantes e diretivos, mas tendem a não ser responsivos às necessidades emocionais dos filhos. Trata-se de um estilo parental controlador, frustrante e punitivo, o que pode produzir altos níveis de medo, raiva, e retraimento social nos filhos. Em decorrência disso, crianças e adolescentes cujos pais são autoritários apresentam maior risco de desenvolver depressão, ansiedade e fazer uso abusivo de substâncias (Montoya *et al.*, 2016).

Pais autoritários podem utilizar punições físicas sob a justificativa de controlar, educar e disciplinar os filhos. O uso da palmada, considerada a forma mais comum de punição física, ainda é normalizado em muitos contextos sociais. No entanto, são experiências que geram dor física e emocional, o que potencializa prejuízos para o desenvolvimento e a saúde das crianças. Com o passar do tempo, a experiência de sofrer violência por alguém que a criança ama e de quem depende pode levar a sentimentos de desconfiança e prejudicar o estabelecimento de relações saudáveis com outras pessoas (Gershoff, 2016).

Ainda, no estudo de Freitas (2020), verificou-se correlação entre o estilo autoritário e problemas de comportamento externalizantes,

indicando que quanto mais práticas parentais caracterizadas por constante exigência e pouco afeto, maior a presença de problemas de comportamento externalizantes na criança.

Silva (2019), por sua vez, concluiu que o estilo parental predominante foi o estilo permissivo. Este estilo caracteriza-se por pouco controle e exigência por um lado; afeto e alta tolerância face aos desejos da criança, por outro. O comportamento permissivo por parte dos pais pode ser compreendido por uma nova perspectiva de parentalidade, pelo receio de práticas rígidas traumatizar a criança, necessitando maior equilíbrio de afeto e limites da criação dos filhos. Dessa forma, o estilo permissivo é compreendido também como um estilo parental de risco, uma vez que a criança carece de limites e regras, os quais são considerados, de acordo com a literatura, também muito valiosos para o desenvolvimento e prevenção de problemas de comportamento infantil.

As dificuldades para impor limites e fazer exigências aos filhos são características de pais permissivos/indulgentes (Prativa; Deeba, 2019). O estilo parental permissivo/indulgente é marcado pela flexibilidade e evitação de conflitos (Givertz; Segrin, 2014).

Pais permissivos/indulgentes tendem a não reconhecer ou corrigir maus comportamentos. Além disso, não são claros em relação a suas expectativas (Prativa; Deeba, 2019). Filhos de pais permissivos/indulgentes podem desenvolver autonomia e apresentar boa autoestima, entretanto, em virtude do baixo nível de monitoramento parental, tendem a apresentar problemas relacionados a hiperatividade, comportamento agressivo e abuso de substâncias (Glasgow *et al.*, 1997).

Pais negligentes comprometem o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, prejudicando sua competência social e aumentando a ocorrência de depressão, ansiedade e somatizações (Steinberg *et al.*, 1994).

A literatura aponta que adolescentes criados por pais negligentes apresentam uma tendência maior de demonstrar estratégias desadaptativas de realização acadêmica, caracterizadas por comportamentos irrelevantes e passividade, os quais inibem o sucesso acadêmico (Pinquart *et al.*, 2016). Além disso, apresentam maior risco de

fazer uso de drogas ilícitas (Montoya *et al.*, 2008). Um estudo realizado por Tur-Porcar (2017) teve como objetivo avaliar a relação entre estilos parentais e uso da Internet. Os resultados indicaram uma relação positiva entre estilo parental negligente e comportamentos aditivos no que concerne ao uso da Internet.

Estudos realizados à respeito de estilos parentais e problemas de comportamento também foram realizados, apontando para a predominância do estilo parental de risco que, de acordo com Gomide (2014), é aquele no qual as práticas parentais negativas se sobressaem às práticas parentais positivas. Como se pôde observar ao longo do texto, a relação entre estilos parentais e desenvolvimento infantil encontra-se bem estabelecida pela literatura da área. Este artigo buscou investigar melhor tal relação no sentido de contribuir para uma área tão importante.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho será a pesquisa narrativa. A pesquisa narrativa, no campo educacional, incluindo biografias, histórias de vida, autobiografias, relatos orais, depoimentos, vem sendo bastante difundida e utilizada nos últimos vinte anos.

A narrativa é considerada em termos de elementos verbais, não verbais e contextuais. Ela decorre de um processo interativo, logo é uma expressão do ser em interação. Cada narrador utiliza de capacidades e habilidades próprias, e o encontro dialógico é possibilitado quando ambos interlocutores compartilham de elementos comuns de construção e interpretação da realidade. Neste momento podemos identificar comunicação efetiva, pois compartilham algum aspecto perceptivo que os habilita a ação.

Este argumento é importante, principalmente para o pesquisador ou profissional que valoriza o encontro. Quando se considera importante a narrativa do sujeito, busca-se ações que valorizem sua própria enunciação, ou seja, o pesquisador vai ao encontro do seu interlocutor respeitando sua capacidade e habilidade de construção narrativa. Ao invés de partir de sua própria capacidade e habilidade narrativa, organiza

sua percepção-ação de modo a reconhecer e valorizar o outro em sua essência. Isto torna-se mais claro nos narradores que não utilizam predominantemente os canais verbais, ou pelo menos, a não primazia da narrativa oral, por exemplo: bebês, pessoas não-oralizadas; pessoas com deficiência intelectual com grande comprometimento cognitivo, entre outros.

3 ANÁLISE DA PESQUISA

Conforme foi possível observar nos estudos apresentados neste trabalho, o controle parental autoritativo mostrou-se mais eficaz que os outros tipos de controle. O estilo autoritativo resulta da combinação entre a exigência e responsividade em altos níveis.

Pais autoritativos estabelecem regras para o comportamento de seus filhos que são consistentemente enfatizadas. Eles monitoram a conduta, corrigindo atitudes negativas e gratificando atitudes positivas. A disciplina é imposta de forma indutiva e a comunicação entre pais e filhos é clara e aberta, baseada no respeito mútuo. São pais que em geral têm altas expectativas em relação ao comportamento dos filhos em termos de responsabilidade e maturidade. Além disso, são afetuosos na interação, responsivos às necessidades e frequentemente solicitam a opinião quando conveniente, encorajando a tomada de decisões e proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de habilidades (Baumrind *et al.*, 1992). Os demais estilos parentais, o autoritário, o permissivo/indulgente e o negligente, mostraram-se desfavoráveis ao desenvolvimento saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas socialmente habilidosas são capazes de promover interações sociais mais satisfatórias. A infância é um período decisivo para a aquisição dessas habilidades (Del Prette; Del Prette, 1999). Portanto, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais

para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos (Cia *et al.*, 2006).

As habilidades sociais educativas parentais podem ser compreendidas como o conjunto de habilidade sociais dos pais aplicáveis à educação dos filhos e que contribuem para seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Educar as crianças por meio das habilidades sociais possibilita que elas adquiram independência, autoconfiança e responsabilidade (Del Prette; Del Prette, 2005).

Os dados encontrados e expostos na presente revisão foram conclusivos ao objetivo do estudo, apontando como os padrões comportamentais dos pais incidem sobre o comportamento e desenvolvimento dos filhos. Eles indicam ainda que os problemas de comportamento percebidos nas crianças estão diretamente relacionados as atitudes de educar, controlar e responder dos pais, que constituem tanto como um fator de proteção e desenvolvimento infantil quanto de fator de risco à criança.

Os resultados indicam ainda que, a utilização de práticas educativas positivas associa-se a menores índices de problemas de comportamento. Em contrapartida, o uso de práticas educativas negativas se associou a maior incidência de comportamento tanto internalizante quanto externalizantes.

Na maioria das pesquisas apresentadas, o estilo parental autoritativo teve destaque, o que demonstra a importância dos pais em indicar uma direção para seus filhos, de forma racional e orientada, utilizando-se do diálogo.

Sugere-se então, que a parentalidade seja tratada com mais atenção, proporcionando através de programas a devida orientação e desenvolvimento de habilidades para os pais, de maneira interventiva e preventiva, com a finalidade de promover melhor qualidade na relação entre pais e filhos.

Psicólogos de diferentes áreas como por exemplo a hospitalar, escolar e a clínica também podem auxiliar na interação entre pais e filhos com relação a criação e ao desenvolvimento infantil, visando o melhor interesse do menor.

PARENTING STYLES AND CHILD DEVELOPMENT

Paula Tamara da Cunha
Cardoso

ABSTRACT

Parenting styles correspond to the set of attitudes adopted by parents towards their children, also called parental educational practices, which distinguish and characterize parental styles. The general objective was to understand how parents' behavioral patterns can affect their children's behavior. Numerous theoretical models created and adapted by researchers seek to evaluate how parental educational practices can affect children's development. These models can favor the development of preventive, assessment, guidance and intervention work. Parents can improve their parental role and psychologists and other professionals can improve their efficiency in studying and caring for families, constituting a very important nucleus for understanding the human being. The results demonstrated that positive parenting practices stand out over negative parenting practices.

Keywords: *Parenting practices; Parenting styles; Child development.*

REFERÊNCIAS

Alvarenga, P.; Weber, L. N. D.; Bolsoni-Silva, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, S.L., v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016.

Alvarenga, P. (2001). **Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento**. Em H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 8, pp. 52-57). Santo André, SP: ESETec.

Bolsoni-Silva, A. T.; Silveira, F. F.; Marturano, E. M. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 10, n. 2, p. 125-142, 2008.

Bolsoni-Silva, A. T.; Del Prette, A. Problemas de comportamento: um panorama da área. **Revista Brasileira de Terapia comportamental e cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2003.

Cassoni, C. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática da literatura**. 2013. 203 f. Tese (Doutorado) - Curso de Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

Costa, F. T. da; Teixeira, M. A.P.; Gomes, W. B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, n. 3, p. 465-473, 2000.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). **Parenting style as context: An integrative model**. *Psychological Bulletin*, 113(3),487-496.

Del Prette, Z. A. P.; Del Prette, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, (2005).

Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. *Paideia*, 17(36),21-32.

Eizirik, C. L.; Bassols, A. M. S. **O Ciclo da Vida Humana: Uma Perspectiva Psicodinâmica**. Artmed, 2013.

Freitas, C. E. **Estilos parentais e aceitação social de crianças em idade pré-escolar: efeito mediador dos problemas de comportamento**. 2020. Tese de Doutorado.

Gomide, P, I, C. (2006). **Inventário de Estilos Parentais. Modelo**

teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação.
Petrópolis: Vozes.

Gomide, P. I. C. **Inventário de estilos parentais: modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Linhares, M. B. M. *In*: Pluciennik, G. A.; Lazzari, M. C.; Chicaro, M. F. (orgs.) **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco.** São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015.

Linz, Z. M. B. et al. **O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos.** Revista da SPAGESP, v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015.

Mainardes, L. W. P. **Estilos parentais e risco de problemas de comportamento em crianças inseridas em um serviço de proteção básica do Sistema Único de Assistência Social.** 2018. 54 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

Mondin, E. M. C. Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 26, n. 54, p. 233–244, 2017.

Noronha, Marcela. **Estilos parentais: qual é o seu?** Disponível em: < <https://dramarcelanoronha.com.br/2021/02/estilos-parentais-qual-e-o-seu/#:~:text=Existem%20quatro%20tipos%20de%20estilos,%2C%200autorit%C3%A1rio%20ou%20autoritativo%2Fdemocr%C3%A1tico.> > Acesso em 20 de agosto

Olsen, N.; Geronasso, M. C. H. Estilos parentais e crianças com problemas de comportamento externalizante na escola. **Revista Psicologia em Foco**, v. 14, n. 20, p. 160-172, 2022.

Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. B., & Schneider, A. M. A. (2008). **Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes.** *Psico*, 39(1),66-73.

Papalia, Diane; Martorell, Gabriela. **Desenvolvimento humano.** 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Grupo A Educação S/A RIO, 2022.

Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais.** Em C. S. Hutz (Org.), Situações de risco e vulnerabilidade na

infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872020000100002> Acesso em 18 de agosto

Santos, A. S. C. *et al.* **Percepção dos Estilos Educativos Parentais e sua relação com o bem-estar subjetivo e com a confiança interpessoal na adolescência: um estudo com adolescentes e seus pais.** 2016. Tese de Doutorado. 00500:: Universidade de Coimbra.

Weber, L. N. D. et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.